

75
149

AUTO
DAS LAGRIMAS
DE
S. PEDRO,
E
S. JOAÕ
EVANGELISTA.
COMPOSTO POR
DIOGO BERNARDES.



LISBOA,
Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
Impref. do Eminent. Senhor Card. Patriarc.

M. DCC. LXX.
Com as licenças necessarias.

[1460]

190 3

A U T O

D A S L A G R I M A S

D E S. P E D R O.

Depois que Pedro vio como negára
Tres vezes a seu Mestre , e a seu Senhor ,
Que do barco , e das redes , o chamára ,
E de homens o fizera Pescador ,
A quem taõ pouco havia que affirmára
(Cheyo de esforço entaõ , cheyo de amor)
Que sendo necessario morreria
Com elle , e que nunca o negaria.

Vendo que de medrozo taõ vilmente ,
De tudo o que affirmando promettera ,
Azinha se mostrou taõ diferente ,
Como se nunca o vira , ou conhecera :
Cantar ouvindo o gallo finalmente ,
(Sinal que lhe na Cea o Senhor dera
Da culpa , em que elle já tinha encorrido)
Vendo-se emfim perjuro , e fementido.

LAGRIMAS

Tamanha dor sentio, tamanha afronta.
O miseravel velho em si tornado
Que não fez mais da sua vida conta
Senaõ para chorar o seu peccado:
Ferio seu peito com aguda ponta
A vista do Senhor, vio-se culpado,
A vergonha de si, e delle a mágoa
Abriraõ nos seus olhos fontes de agua.

Como neve que deixa congelada
Chovoso inverno, e em lugar sombrio
Que sendo no veraõ do Sol tratada
Se derrete em licor de claro rio:
Assim a covardia, que coalhada
Tinha Pedro em seu peito fraco, e frio,
Em pranto logo alli se converteo
Quando elle ao Senhor olhos volveo.

Não foi o pranto seu lago, ou corrente
Ribeira, que por calma se seccasse,
Que posto que o Senhor amigamente
Da culpa á graça d'antes o chamasse,
Sempre chorou depois amargamente,
Nunca noite passou que não chorasse,
Chorava, cantando o gallo, só comsigo,
Lagrimas novas dando ao erro antigo.

Encon-

DE S. PEDRO. 124 5

Encontrado que foi dos olhos santos,
Qual o triste de Pedro entã ficou,
Nãõ o podem contar prozas, nem cantos,
Nunca lingua mortal tal dor contou:
Nelles lhe pareceo que d'entre tantos
Inimigos seus, e sem os seus que amou,
Lhe dizia o Senhor. Disse verdade,
Discipulo cruel, sem lealdade.

Mais cruel para mim, que as mãos destes
Durissimos algozes, foi a tua
Lingua medroza em me negar mais prestes,
Que os mesmos em me dar a morte crua;
Vós Discipulos meus, vós me prendestes,
Vós me levais á Cruz, que nãõ a sua
Malicia infernal, inveja cega,
Mate-me quem me vende, e quem me nega.

Fugiras tu tambem, Pedro, fugiras,
De que te servio Pedro acompanhar-me?
Se me desampararas, nãõ mentiras,
E fora menos culpa que negarme:
Atado a esta columna nãõ me viras,
Nem de agudos espinhos coroar-me,
O corpo denegrado em sangue tinto,
De ti ferido n'alma, o que mais sinto.

Ne-

Nenhum me foi fiel,, nenhum amigo
 Em penas taõ crueis, em mágoas duras,
 Que tu se vens aqui, naõ vens comigo;
 Assim o dizes tu, assim o juras:
 Por evitar da vida hum vaõ perigo,
 De mim, e de tua alma pouco curas,
 Ah Pedro torna em ti, torna a quem eras,
 Queresme ver na Cruz, ou porque esperas?

Destá maneira a Pedro parecia
 Que o Redemptor do mundo lhe fallava,
 Hora que duramente o reprehendia,
 Hora que brandamente o consolava,
 Mil cousas na memoria revolvía,
 Em todas a si mesmo se culpava,
 E sobre todas mais culpava a vida
 Que da sua alma, o fez ser homecida:

Tanto que se receo de mór damno
 As mãos lhe não atára, por ventura
 Nella, que lhe ordenou tamanho engano,
 Tomára de pura dor, vingança dura.
 Houvera por partido soberano
 Soffrer mil, e mil vezes morte escura,
 Naõ ser ouvido nunca, nunca visto
 Por huma só não ter negado a Christo.

492
DE S. PEDRO.

7.

Nunca formosa virgem em claro espelho
Tam claro vio seu rosto figurado
Como naquelle ponto o triste velho
Nos olhos de seu Deos vio seu peccado:
Sem mais discurso entaõ, sem mais conselho,
Em puras vivas lagrimas banhado
Da caza aborrecida saio fora,
Da caza, onde infiel a seu Deos fora.

Chorando se saio amargamente
Da caza onde o Senhor prezó ficava,
Sem esperar se féra, se clemente
Sentença o máo Juiz pronunciava:
Naõ lhe soffreo vergonha estar presente
De quem tanto offendera, e tanto amava,
Pelo silencio vai da noite escura
Onde o leva sua dor, onde a ventura.

Por asperos caminhos desusados
Corrido, e só se vai sem saber onde,
Os já sabidos d'elle, os já tratados
A noite escura, e triste lhos esconde:
Escondem-lhos seus olhos occupados
Em pranto perenal, que a dor responde:
Que nunca menos pranto lhe pedio
A dor que de negar seu Deos sentio.

Geme,

Geme, suspira, e chora, o Ceo atroz
 Com dolorosos gritos que vai dando,
 Bate no triste peito, o vale soa,
 Tudo por onde vai, vai magoando:
 A seus cançados pés nada perdoa,
 As suas crespas cans vai arrancando,
 Contra a vida que mais aborrecia
 Com magoada voz assim dizia.

Deixa-me vida já, deixa-me vida,
 Fuge de quem te foge, e te despreza,
 Que esperas de quem es aborrecida
 Nesta alma, exemplo raro de tristeza
 Nesta alma, a quem tu tens tanto offendida
 Com tua covardia, e vil fraqueza,
 Que gosto podes ter? nenhum esperes,
 Se consumirte em lagrimas não queres.

Vaite vida de mim, vaite onde sejas
 Como vida tratada, que comigo
 Já mais nunca o serás, para que vejas
 Quam bem comigo estou, quam bem contigo
 Se verme ainda outra vez errar desejas,
 Se cuidas que com laço, ou ferro imigo
 De ti me vingarei, não hajas medo,
 A dor me vingará, ou tarde, ou cedo.

E se conforme for esta dor minha

A causa, do que vês que se me ordena,
Espero que de ti me vingue azinha,
Inda que a morte seja leve pena;
Mas dor que já não fez o que convinha,
Bem mostra não ser grande, mas pequena,
Que se com meu peccado se igualara,
Junto, não pouco a pouco, me matara.

Por ti, medrosa vida, hum peito forte,
Hum peito a morrer já offerecido
(Ha que grande vergonha, lia baixa sorte)
De huma fraca mulner ficou vencido:
Se tamanho temor tinhas da morte,
Depois de tanto tempo ter vivido
Houveras de attentar, que defenderte,
Era perderme a mim, e a ti perderte.

Perdite, ó vida minha (o que alma chora)
Quando neguei meu Deos, que não devera,
De não morrer por elle, morro agora,
E se morrera então, sempre vivera:
Elle, que he vida minha, vida fora,
Elle depois de morto bem podera
(Como a muitos fez já) resuscitarme,
E vida humana, e vida eterna dar-me.

LAGRIMAS

A quantos ditosos já em mocidade
 Foste, com largo ser, largo tormento,
 Que te antes de chegar a muita idade
 Tiverão de ti feito apartamento,
 Não viraõ huma, e outra adveridade
 Roubarlhes todo seu contentamento,
 Como agora a mim fez o viver muito,
 De qual negar a Deos colhi por fruto.

Foi-me teu longo curso hum fero imigo,
 A memoria, o saber, a fortaleza
 Me foi roubando, e só deixãu comigo
 Descuido, pouco sizo, gram fraqueza:
 E assim não me lembrei no mór perigo
 De quantas obras sobre natureza
 Vi já fazer áquellas mãos sagradas,
 Que vi taõ cruelmente agora atadas.

Qual ley, ó triste velno, qual estudo
 Ensina a quebrar fé, ou que sentidos,
 Negaõ a hum Senhor, Senhor de tudo
 Vendo tantos milágres conhecidos?
 Quem dava olhos ao cego, lingua ao mudo?
 Quem dava ao coxo pés, ao surdo ouvidos?
 Quem as almas dos corpos já sahidas
 Fazia tornas de novo a novas vidas?

Se tu, misero yelho, isto sentiras,
Se te não descuidaras do que viste,
Tão nescia, e fracamente não cahiras
Na gravissima culpa em que cahiste:
Se teu descuido choras, se suspiras,
Sobeja-te razaõ para ser triste:
Correi lagrimas minhas, correi tanto,
Que onde a lingua faltou sobeje o pranto.

Naõ se veja de vós meu rosto enxuto,
Correi em fio, nunca esteis em calma,
Pagai á dor seu natural tributo,
Para que a dor o pague á mágoa d'alma:
Colhei da planta amarga doce fruto,
Vossa seja a victoria, vossa a palma,
Vós restaurai a culpa em que caí,
Vós me tornai a graça que perdi.

Louvor vos podem dar; louvor contino
Meninos que morrestes entre prantos,
Quando do cruel Rey o desatino
Mandou, por matar hum, matar a tantos:
Pois antes (por decreto alto, e divino)
Que podesseis peccar, vos visteis santos,
E taes do Limbo ao Ceo que vos espera
Como flores ireis na primavera.

Quanto vós na infancia aproveitastes,
 Tanto a mim a velhice foi nociva,
 Não sabendo fallar, Deos não negastes,
 Como triste fiz eu com falla esquivã:
 Antes de hum certo modo o confessastes,
 Se com palavra não formada, e viva,
 Com sangue, que por elle derramáraõ
 As gargantas, que fallas não formáraõ.

Desconsoladas mãys, ainda que vistes,
 Em vossos braços, lobos carniceiros
 Degoiar esses filhos que paristes,
 Como pacientissimos cordeiros:
 Deixai de prantear, não sejais tristes,
 Olhai que foraõ elles dos primeiros.
 Que nos vagos assentos se subiraõ,
 Donde os espiritos máos, por máos cahiraõ.

Por essa, que chorais, tua dura morte
 Morreraõ divinos escabellos,
 E nas cabeças, na Celeste Corte
 Primeiro ter coroas, que cabellos:
 Ha soberana forte (se a isto forte
 He licito chamar) meninos bellos
 Sem saber pelejar vencer a guerra,
 Pizar o Ceo, sem pizar nunca a terra.

195 2011
DE S. PEDRO.

13

Se soubesseis que fruto regar deve
A chuva desse seu sangue innocente,
Desse sangue, que em si a terra bebe,
E no Ceo se conserva eternamente;
Naõ vos seria só sua morte leve,
Mas de vós festejada alegremente,
Tendo-vos sobre todas por ditozas
Por ser raiz de flores taõ formozas.

Eu só por mais que chore toda a vida,
Justo será meu pranto, e naõ sobejo,
Em magoarme a sentirei comprida,
Curta para chorar quanto desejo;
Irei lavando assim huma ferida
Que taõ dura, e taõ feia n'alma vejo,
Que será cada vez mais feia, e dura,
Se com meu pranto se naõ lava, e cura.

Mas tu alma covarde, e de amor nua
Que me naõ deixas já? pouca dor sentes,
Pede (naõ queiras ser contra ti crua)
A quantas almas vivem descontentes,
Que juntem suas dores á dor tua,
As passadas, por virs e as presentes,
Por quem com dor tamanha inteire a dor
A firmeza quebrada a teu Senhor.

Mas

Mas que dor me darão , que nova mágoa
 Que seja de meu erro igual desconto ,
 Inda que estes meus olhos fontes de agua.
 Derramem , sem cansar na vida hum ponto?
 Inda que n'uma eterna , ardente fragoa
 Ardendo sempre este tempo sem conto?
 Que tudo não seja pouco a respeito
 De ser contra meu Deos meu erro feito ?

Negara-vos , Senhor , huma só vez ,
 Pois huma só vos tinha confessado
 Por filho verdadeiro de quem fez
 Com só querer , sem mais , todo o criado :
 Huma vos confessei negueivos tres ,
 Ha Discipulo máo desatinado ,
 Onde acharás perdaõ , onde piedade ,
 Se tres mentiras dás a huma verdade ?

Desta maneira assi mesmo accusando
 Se hia o triste Pedro , mas onde hia ,
 Senão via por onde? aos pés deixando ,
 E não aos olhos seus , que fossem guia :
 Depois que longo espaço andou errando ,
 - Ou fosse acaso , ou Deos que assim queria ,
 Tornou a dar no Horto , onde fugira
 Quando a seu Mestre nelle prender vira.

E como pai que deixa sepultado
 O caro filho morto em desafio,
 A quem da terra vida foi cortado
 Com duro, e imigo ferro o fraco fio,
 Se passa pelo campo, onde espalhado
 O sangue delle vê já negro, e frio,
 Mais altos gritos dá, sente mais dor,
 Mais se embravece contra o matador.

Do mesmo modo Pedro que só mais
 Amava (como bem depois mostrou)
 Que quantos no mundo houve amigos pais,
 A dor naquella parte renovou,
 Vendo nas verdes hervas os sinaes
 Do Sangue que o Senhor alli suou,
 Mais suspiros, mais lagrimas derrama,
 Mais traidor, mais cruel, mais máo se chama.

Geme, soluça, chora, e desatina,
 Alli pasina, alli cahe, alli esmorece,
 De não morrer alli, alli se fina,
 Alli por mais culpado se conhece:
 Adora, e beja a terra por divina
 Onde o sagrado Sangue resplandece,
 Que luminando o Horto alli fazia
 Como mais claro alli seu erro via.

O' Senhor meu , que tens da vida a chave ,
 Se tua bondade (dille) senão terra ,
 Com a malicia da minha culpa grave ,
 Se val arrependerse a quem te erra ,
 Sobre este Sangue teu sacro , e suave ,
 Sobre esta dos teus pés pizada terra
 Me faz mercê da morte , acabarei
 Aqui , onde a temella comecei.

Mas se minha maldade impede , e nega
 Que com effeito a meu querer respondas
 A ti , ó terra , a quem meu pranto rega ,
 Peço que ou vivo , ou morto em ti me escondas ;
 Antes que a luz do Sol , que já se chega ,
 Passe do rico Gange as claras ondas :
 O dia para mim nunca amanheça ,
 A noite , em que pequei , só me conheça.

Porém se o Sol de vernie se não peja ,
 E de mim vai fogindo a noite escura ,
 Esta cova que vejo , esta me veja
 Chorar em si a minha culpa dura
 Morada em toda a vida esta me seja ,
 Seja depois da morte sepultura ,
 Vivo chorarei nella meu peccado ,
 Morto ficarei nella sepultado.

17

L A G R I M A S
D E S. J O A Õ
E V A N G E L I S T A .

A Quelle, a quem amava o mesmo amor,
De quem foi puramente o amor amado,
Secretario do Ceo alto escritor,
Do Verbo na Virgem pura, encarnado:
Aquelle que na Cea do Senhor,
Dormio sobre seu peito reclinado,
Santissimo Joaõ Evangelista;
Anjo puro na vida, Aguia na vista.

Aquelle, ó Musa minha, celebremos,
Se for de tal fugeito o verso digno,
As suas mágoas, seu amor cantemos,
Suas mágoas mortaes, seu amor divino.
Antes com mais razaõ, Musa choremos
Com elle ao pé da Cruz, a quem me inclino,
E peço tal favor que este meu pranto
Sirva a quem mo pedio, sirva a tal Santo

De que mágoa João, de que agonia
 Levarias tua alma rodeada,
 Seguindo teu Senhor no triste dia,
 Depois da triste noite já passada?
 Seguindo teu Senhor quando sahia
 Da Cidade cruel delle chorada
 E hum madeiro em seus hombros duro, e grave,
 Mas brando para nós, leve, e suave.

Com que dor da tua alma, irias vendo
 A magoada Mãi, o Filho brando?
 A Mãi a cada passo esmorecendo,
 O Filho a cada passo ajoelhando?
 Com o pezo da Cruz que foi-sustendo
 Para o monte Calvario caminhando,
 Onde foi nelle posto, onde encravado,
 Onde com dous ladrões crucificado?

Aquelles duros cravos que encraváraõ
 As mãos, e os pés de Christo no madeiro
 Alli teu coração atravessáraõ,
 Na morte alli lhe foste companheiro:
 As fontes do sacro Sangue que manáraõ
 Das vêas do mansissimo Cordeiro,
 Abriraõ no teu peito outras de pranto,
 Devido a quem por nós soffria tanto.

A quem

DE S. JOAM. 129 19

A quem darias tu, a quem darias
Os teus humidos olhos em tal hora?
Ao Filho que na Cruz chagado vias,
Ou a Mãe, que a seus pés suspira, e chora?
Com ambos tua vista partirias
Vendo tal o Senhor, tal a Senhora,
Que não determinava quem os via,
Qual delle mais azinha expiraria.

A morte, que seus rostos descórava,
Já de huma cor fúnebre lhos cobria,
O lume dos seus olhos se apagava,
A voz cada vez mais enraquecia:
Mas inda o bom Jesus a sua alçava,
E por vós a seu Pai perdaõ pedia,
Por vós, os que lhe dais morte sem culpa,
E com vossa ignorancia vos desculpa.

O' brandura de nós mai merecida
O' rara piedade, ou novo amor,
Que chegue quem está perdendo a vida
A rogar por seu proprio matador.
O' natureza humana endurecida,
Que aviso aqui te dá teu Redemptor
Para não aggravar quem te aggravou,
Para te não vingar de quem te errou.

LAGRIMAS

Mais triste , se podias ser mais triste ,
 Ficarias Joaõ se mal entendo
 Quando ao teu Senhor dizer ouviste ,
 (Olhos á triste Mãi da Cruz volvendo,)
 Mulher vês ahi o Filho que pariste ,
 Vês ahi tua Mãi , a ti tambem dizendo ,
 Ella te quiz por filho , e desta hora
 A tiveste por Mãi , e por Senhora.

Não podia em tal tempo o Senhor darte
 Outro final de amor mais certo , e claro
 Que na morte hum penhor encomendarte.
 Qual na vida não deixa outro mais caro.
 A sua doce Mãi quiz entregarte ,
 Tanto porque lhe fosses doce amparo ,
 Quanto por te mostrar que o seu amor
 Comtigo era de irmão , não de Senhor.

Assim no mais sensível do teu peito
 A força deste amor penetraria ,
 Que em amorosas lagrimas desfeito
 O tenro coração rebentaria :
 Tolhendo a dor á lingua o seu effeito
 Em tão penoso passo , suppriria
 O magoado espirito a sua mingoa ,
 Porque para com Deos o espirito he lingua.

Com

Com elle cuido eu que
Vejo-vos meu Senhor esta morrendo,
E não acabo aqui meus tristes dias,
Que morte me feraõ sem vós vivendo!
As penas que sentis, as agonias
Podem estes meus olhos estar vendo,
E não os cerra a dor eternamente?
Quem não morre, e tal vê, pouca dor Tente.

Mas já que minha dor não pôde tanto,
(O' amor da minha alma, ó meu Senhor)
Que rompa desta vida o carnal manto,
Como, não morro eu de puro amor?
Disto corrido estou, disto me espanto,
Inda que de crer he meu Redemptor
Que com amor penando me detendes
Porque mereça amando o que me tendes.

E se morrendo vós quereis que viva
A' vida morto, vivo á saudadé,
Esta alma neste meu corpo cativa
Não tenha, inda que pene outra vontade:
Seja quanto quizer a vida esquiva,
Trate-me com brandura, ou lealdade,
Que não devo querer, nem querer posso
Senaõ o que mais for do gosto vosso.

Com

Com tudo nesta triste despedida,
 A vida que de vós Senhor se parte
 Leva consigo o bem da minha vida,
 E da minha alma leva a melhor parte:
 A qual anda com vosco taõ unida,
 Que vos seguirá sempre em toda a parte,
 Que não póde apartar tempo nem morte
 O que juntou amor muito mais forte.

Alembra-me Senhor, quam differente
 Noutro monte vos vi'ha poucos dias
 Em mio de mais branda, e amiga gente,
 Em mio de Moytes, e o bom Elias:
 Alli mui mais que o Sol resplandecente,
 Aqui para cumprir as profecias,
 Sem aquelle Divino resplendor,
 De que mostra nos déstes no Tabor.

Todo coberto estais de sombra escura,
 Todo tinto de sangue, e denegrado,
 Que foi daquella vossa formosura,
 A quem espanto, e amor era devido?
 Para nossas feridas terem cura
 Quizestes ser o Mestre, e o ferido,
 E por taõ novo modo nos curais
 Que para nos sarar, vos enfermais.

Este

200 220
23
DE S. JOAM.

Este povo, Senhor, vosso mimoso,
Que vòs de cativeiro taõ pezado
Livraſtes com proceſſo milagroſo,
Abrindo-lhe caminho deſuzado,
Por naõ vos ſer ingrato, e odioſo,
Na cabeça, nos pés, nas mãos, no lado,
Em todo o corpo em fim novos caminhos
Com ferro vos abrio, e com eſpinhos.

Esta gente Senhor, a vòs mais cara
Que toda a que até aqui ao mundo veio,
Para quem agua branda . doce, e clara
Rompeo da pedra dura o duro ceio,
Por naõ vos ſer ingrata vos prepara
De fel, e de vinagre hum vazõ cheio,
Olhai com que vos quer matar a ſede
Que de ſalvar o mundo vos procede

Os pais deſtes crueis des-que ſahiraõ
Da dura ſugeiçaõ de Egcianos
Falta (por mercê voſſa naõ ſentiraõ)
Duráraõ-lhe os vestidos quarenta annos
E dos voſſos, os filhos, vos deſpiraõ,
Se filhos eſtes ſaõ de homens humanos
Nella Cruz vos pregáraõ nú, e pobre;
Huma toalha nella ío vos cobre.

Corri-

Corrido dum opprobrio taõ elquivo
 Esconde o claro Sol seus raios de ouro,
 A terra sem ter mais outro motivo
 Tremeo, o Leaõ urra, e brama o touro:
 E eu que vivo em vòs, e em mim naõ vivo,
 Morrendo vòs assim, como naõ mouro?
 Que maravilha he esta taõ estranha?
 Que a vida sem a minha me acompanha?

Se vòs de piedade espiritos nús
 Quereis que tanto mal vos agradeça,
 Encravaime nas costas desta Cruz,
 Onde com meu Senhor morra, e padeça:
 De maneira, que possa o bom Jesus
 Em meu peito encostar sua cabeça,
 Pois a minha do seu fez almofada
 Na Cea tanto d'elle desejada.

Mas se directamente a conta lanço
 Em todo trabalho, e triste trance,
 Nelle tenho mui certo o meu descanso,
 Elle naõ tem em mim em que descance:
 Entre lobos crueis Cordeiro manso,
 Que lobo vos verá que naõ se amanse
 Daquelles que nos bosques sustentais,
 Naõ destes carniceiros muito mais?

201
25
DE S. JOAM.

Com tudo ainda que duros, e malvados,
Inda que em vós a morte executaraõ
De invejoso furor arrebatados,
Naõ foraõ elles sóz. que vos mataraõ:
Matarã-vos, Senhor, nossos peccados,
Que nessa dura Cruz vos encravarãõ,
Matou-vos meu amor, o amor vosso,
Isto com mais certeza afirmar posso.

Vejo que de tristeza as pedras duras
Topando humas com outras se quebrantaõ,
Revolvem-se pczadas fenturas,
Os que dormiraõ nellas se levantaõ,
Todas as insensiveis creaturas
Com novo sentimento nos espantaõ,
E eu sendo obrigado a maior mágoa
Escaçamente dou aos olhos agua.

Porém de chorar pouco naõ me espanto,
Nem se espante ninguem disto que digo,
Pois o meu coração fonte de pranto
Com vosco está, meu Deos, e naõ comigo,
Que póde o vosso amor com elle tanto
Que nessa Cruz o tem posto comsigo:
Lá chora vossa dor, e a sua chora
Sem correrem as lagrimas de fóra.

A ser de outra maneira de crer era

Que já vida taõ triste se acabára,

Porque mil coraçoes, se mil tivera,

A dor em tristes lagrimas gastára :

Se de mim tal verdade não foubera

A vós erguer os olhos não oufára

De puro vergonhoso, e de corrido

De não ser já em choro derretido.

Porém no peito meu mágoas esquivas

A falta destes meus olhos supprindo,

De suspiros mortaes lagrimas vivas

Outras fontes de novo iraõ abrindo :

As horas no meu gosto fugitivas,

Vagarosas no mal que estou sentindo

Não deixaraõ seccar o licor triste

Em quanto vosso amor ao meu resiste.

O fim segundo vós estais penando

Verei de vossas penas mui azinha,

Voume por vossa parte consolando,

Desconsolo-me muito pela minha;

Porque qual ficarei sem vós ficando?

Sem vós onde de mim o melhor tinha,

Que lugar acharei onde respire?

Que gosto que do peito a dor me tire?

Já tudo me será sem vós pezado,
 A noite sem repouso, o dia escuro,
 Da vossa doce vista desterrado,
 Onde andarei quieto, onde seguro?
 Sempre fereis de mim taõ desejado,
 O' amor, que morreis por amor puro,
 Que para a vós passar deste desterro
 Frio acharei o fogo, e brando o ferro.

Naõ era eu, meu Senhor, o amado vosso
 Sobre todos os mais do vosso ceio?
 Pois quem divide agora o amor nosso?
 Apartarme de vós, donde vos veio?
 Ser aspereza vossa crer naõ posso,
 Ser grande culpa minha, isto mais creio,
 E se culpa naõ foi, justo seria
 Naõ dividir agora a companhia.

Mas vós naõ taõ somente me deixais
 Neste novo caminho que fazeis,
 Mas ainda, porque sinto esta dor uais,
 Com vosco hum roubador levar quereis:
 Se vós por companheiro o aceitais
 Sem embargo de ser qual vós sabeis,
 A quem me aqueixarei d'elle Senhor,
 De me roubar em vós o meu amor?

Dahi , donde com pena está pagando
 A culpa de mil roubos , que tem feito.
 Outras mōres esteve accréscentando
 Naõ sendo dos passados satisfeito :
 Com desejo , das maõs já naõ usando ,
 Os thesouros abrio do vosso peito ,
 Junto meu coração ao vosso achou ,
 Cuidando roubar hum , ambos roubou.

Oh ditoso ladraõ , em quem se encerra
 Sutileza taõ alta , tal aviso ,
 Que depois de roubar homens na terra
 Roubar foubestes a Deos o Pariso :
 Com elle em paz te vai , fóra da guerra
 Em que me deixa cá , de mim diviso
 Pois a teu novo amor tanto se entrega ,
 Que te concede a ti , o que a mim nega

Eu partirei daqui desconsolado
 Com a triste Senhora com que vim
 Que pois d'elle lhe fui por filho dado
 Servida como Mãi será de mim.
 Assim com lingua muda , e desmaiado
 Correndo a tristes lagrimas sem fim ,
 Acompanhou seu Mestre á sepultura
 Depois a sua casa a Virgem pura.

203 227
8
LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de-se reimprimir o livro que se apresenta, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 19 de Setembro de 1760.

Silva. Trigozo. Carvalho. Mello.

DO ORDINARIO.

PO'de-se reimprimir o livro de que se trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa, 27 de Novembro 1760.

D. A. L.

DO DESEMBARGO DO PAÇO.

Que se possa reimprimir vistas as licenças do Santo Officio , e Ordinario , e depois de reimpresso tornará á Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença , para que possa correr, e sem isso não correrá. Lisboa, 29 de Novembro de 1760.

*Conde P. Carvalho. Emaus. D. Velho.
Siqueira. Pacheco. Affonseca.*